

# “Nós Não Somos Feministas. Só Queremos Ser Reconhecidas como Pescadoras”: Interseccionalidades e Performances Narrativas de Pescadoras Negras em Arraial do Cabo

*“We Are Not Feminists. We Just Want to Be Recognized as Fisherwoman”  
Intersectionalities and Narrative Performances of Black Fisherwoman in  
Arraial do Cabo*

Maria Aparecida Gomes Ferreira\*

**RESUMO:** Partindo de uma visão performativa da linguagem (AUSTIN, [1962] 1990; DERRIDA, 1972) sobre performances de gênero e raciais (BUTLER, 1990; 1993; BUCHOLTZ, 2011), o presente trabalho é um estudo de narrativas (SANTOS, 2007; FERREIRA, 2016) que objetiva discutir a relevância das performances D/discursivas de gênero e de raça para melhor compreensão da cultura de pesca em Arraial do Cabo (FERREIRA, 2016) e analisar as ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2010) sugeridas nessas performances, a partir de uma análise interseccional dos dados (CRENSHAW, 2002; AKOTIRENE, 2018; LOVE, 2019). Os resultados apontam para ordens de indexicalidade com relações de menor competitividade e maior interdependência (HOOKS, 2018) entre pescadores e pescadoras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interseccionalidade; Performances Narrativas; Pescadoras; Arraial do Cabo.

**ABSTRACT:** Having as a benchmark the performative view of language (AUSTIN, [1962] 1990; DERRIDA, 1972) of gender and racial performances (BUTLER, 1990; 1993; BUCHOLTZ, 2011), this paper is a study of narratives (SANTOS, 2007; FERREIRA, 2016) which aims to discuss the relevance of gender and race D/discursive performances for a better understanding of the fishing culture in Arraial do Cabo (FERREIRA, 2016) and to analyze the indexicality orders (BLOMMAERT, 2010) suggested in these performances, from an intersectional analysis of the data (CRENSHAW, 2002; AKOTIRENE, 2018; LOVE, 2019). The results point to indexicality orders with less competitive relationships and greater interdependence (HOOKS, 2018) between fishermen and fisherwomen.

**KEYWORDS:** Intersectionality; Narrative Performances; Fisherwomen; Arraial do Cabo.

\* Leciona para nível Médio Integrado e Pós Graduação no IFRJ. Participa do grupo de Pesquisa “Práticas de Letramento na Ensino de Línguas e Literaturas” e está a frente de dois Projetos de Extensão (“Midiática Reinaldo Fialho” e “Narrativas e Letramentos de Reexistência”). Também coordena o Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDS) e participa do NEABI do campus. Email para contato: maria.ferreira@ifrj.edu.br

Distribuído sobre



## INTRODUÇÃO

Em 2010, quando comecei a trabalhar no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Arraial do Cabo (doravante, IFRJ – CAC), tive a oportunidade de ouvir muitos relatos e narrativas sobre os pescadores da região. Realizei pesquisas com a geração mais antiga e tradicional de pescadores do município, que culminaram na publicação intitulada “Nas redes de saberes e histórias” (FERREIRA; FIALHO, 2013) e, logo em seguida, comecei a me debruçar sobre as performances das mulheres pescadoras de Arraial do Cabo, temática discutida em minha tese de doutoramento (FERREIRA, 2016).

Durante os estudos para o meu doutoramento, tive a chance de conhecer, ouvir e costurar redes com performances narrativas de mulheres pescadoras do referido município e observar como diferentes mulheres construía e negociavam a legitimidade de suas performances narrativas como pescadoras, mobilizando diferentes performances (de gênero, de sexualidade, de estado civil), ora reproduzindo, ora subvertendo expectativas sociais generificadas para as performances de feminilidade e mobilizando diferentes ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2006; 2010).

Embora naquela ocasião eu tivesse insinuado uma análise interseccional dos dados, não cheguei a discutir, na tese, o conceito de interseccionalidade com o devido aprofundamento. Percebi, ainda, que dentre as três pescadoras ouvidas e entrevistadas, para minha tese, nenhuma era negra. Após a defesa, comecei a me debruçar com mais afinco não somente sobre o conceito de interseccionalidade (CRENSHAW, 2002; COLLINS; BILGE, 2016; AKOTIRENE, 2018; LOVE, 2019), como também sobre a escuta de performances narrativas de mulheres pescadoras negras do município.

Esse movimento me propiciou o encontro com outras ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2006; 2010) nas performances das mulheres pescadoras negras do Cabo, assim como a oportunidade de aprender, com outras vozes e agenciamentos, performances interseccionais mais complexas para compreensão das performances de gênero na cultura de pesca. No presente artigo, proponho-me a discutir, a partir da visão performativa de linguagem (AUSTIN, [1962] 1990; DERRIDA, 1972), a relevância das performances D/discursivas raciais na cultura de pesca em Arraial do Cabo e analisar as ordens de indexicalidade que emergem nessas performances, a partir de uma análise interseccional.

## 1 REDES DE D/DISCURSOS E REDES DE PESCA: PERFORMATIVIDADES DE GÊNERO E RAÇA

No discurso da sua premiação como Prêmio Nobel, em 1993, Toni Morrison faz sua célebre afirmação de que “nós morremos. Esse pode ser o sentido da vida. Mas nós fazemos a linguagem. Essa pode ser a medida das nossas vidas”. Tal citação até hoje é reverberada devido ao potencial agentivo e constitutivo com que Morrison define a linguagem. Sim, a linguagem é uma construção humana. Judith Butler, por sua vez, recupera e expande as reflexões de Morrison, afirmando que “nós fazemos coisas com a linguagem, produzimos efeitos com a linguagem e fazemos coisas para linguagem, mas linguagem é também a coisa que nós fazemos” (BUTLER, 1997, p. 8).

Tanto Morrison (1993) quanto Butler (1997) ressaltam não somente o poder sócio-constitutivo da linguagem, como também a importância de refletirmos sobre os efeitos sociais das nossas práticas D/

discursivas<sup>1</sup>. Essas reflexões bebem nas fontes e teorizações austinianas, sobre os atos performativos de fala (AUSTIN, 1962), que vão ser desdobradas por Derrida (1972), até ganharem contornos mais definidos na teoria de performatividade de Butler (1990). Isso porque, para Butler, a teoria da performatividade “deve ser entendida não como um ‘ato’ deliberado ou singular, mas como a prática citacional e reiterativa pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (BUTLER, 1993, p. xi).

Tendo como referência essa “prática citacional”, quando Butler (1990) afirma que o gênero é performativo, a filósofa propõe que é a iterabilidade (nos moldes derridianos) de uma performance somático-discursiva (de gênero ou de sexualidade, por exemplo) que promove sua aparência de estabilidade. Afirmar que o gênero é performativo, implica, outrossim, compreender que linguagem é ação e que é na performance D/discursiva que nos constituímos como sujeitos generificados. Em outras palavras, permite-nos afirmar que o gênero é um efeito de práticas D/discursivas e não a causa delas (BUTLER, 1993). Em acordo com essa discussão, Ferreira (2017) afirma que

[...] é por meio da citação e repetição de D/discursos generificados que os corpos se materializam e estilizam “modos de ser” caracterizados como masculinos e/ou femininos e geram a impressão de identidade e estabilidade. Essa estabilidade ou aparência de substância seria, então, o efeito performativo das contínuas recitações de performances e D/discursos generificados. (FERREIRA, 2017, p. 281-282).

Vale lembrar que a estabilidade de uma performance de gênero, ou seu efeito performativo, está intimamente relacionada aos “enquadres regulatórios” de gênero (BUTLER, 1990), que delimitam os modos esperados de ser/existir e os espaços de ação socialmente aceitáveis para homens e mulheres, como sendo uma matriz de inteligibilidade de gênero (BUTLER, 1990). De acordo com Ferreira (2017, p. 282), essa matriz, que foi “erguida e legitimada em práticas heteronormativas, normalmente aloca as masculinidades em espaços de maior ação e prestígio social, em detrimento das feminilidades”. Convém destacar, ainda, que essa matriz de inteligibilidade de gênero não é fixa e está sempre costurada em processos históricos (SCOTT, 1986). Ou seja, as performances de gênero devem ser compreendidas como “uma categoria [analítica] histórica, relacional e discursiva” (FERREIRA, 2016, p. 43).

Seguindo essas reflexões, podemos dizer que historicamente existem, nas culturas de pesca, performances somático-discursivas generificadas com espaços e atividades muito bem delimitados para homens e mulheres. Segundo Linsker e Tassara, é comum justificar a interdição da mulher na pesca “pela fragilidade física natural feminina e pela necessidade de a mulher cuidar da casa, dos filhos, do marido e das tarefas domésticas. Seu universo é o ‘de dentro’, delimitado pelo interior da habitação, em oposição ao mundo dos homens, que é o ‘de fora’” (LINSKER; TASSARA, 2005, p. 67). Vemos nesses enunciados, portanto, uma delimitação de espaços e de possibilidades de atuação, bem específicos, para homens e mulheres nas culturas de pesca, a saber: os homens, sustentados pelos performativos de coragem, força física e resistência vão ao mar e as mulheres, marcadas pelos performativos de fragilidade e maternidade,

1 Gee (1999) vai propor o uso do termo D/discurso, com as iniciais maiúsculas e minúsculas justapostas, onde Discurso envolveria instâncias macrossociais, enquanto que o discurso implicaria aspectos microssociais (Gee, 1999). O uso, então, da grafia D/discurso implica o reconhecimento das múltiplas interferências do nível micro e do macro nas nossas práticas D/discursivas.

ficam em terra ou em casa.

Contrariando esses estudos e performativos, Ferreira (2016) aponta que mulheres em Arraial do Cabo não somente pescam no mar, como também subvertem alguns dos privilégios generificados nas culturas de pesca. Das três pescadoras investigadas e analisadas para seu estudo<sup>2</sup>, Ferreira (2016) propõe que duas delas, Vanda e Antônia, saem para pescar e encenam performances narrativas de masculinidade, exaltando sua força e resistência física, como recursos para legitimarem suas atividades de pesca. Todavia, para pescarem, Vanda e Antonia precisam estar vinculadas à chamada “família nuclear”, constituída por relações heteronormativas. Em outras palavras, essas mulheres só “estão autorizadas” a pescar se estiverem com seus maridos, pais ou irmãos no barco.

Sandra, por sua vez, mulher viúva e a terceira pescadora entrevistada, consegue não somente transgredir alguns performativos de gênero (na cultura de pesca), saindo para pescar em um barco com outras oito mulheres, como também subverte alguns privilégios generificados do homem pescador, ao encenar performances narrativas que a colocam em situação de maior vantagem e liberdade para pescar do que o homem pescador (que poderia estar sendo traído por sua mulher, enquanto ele pescava)<sup>3</sup>.

Não obstante os avanços e ganhos dessa pesquisa, Ferreira (2016) não atentou para ausência de performances racializadas ao longo do seu trabalho. Sandra, por exemplo, que foi tão exaltada por Ferreira (2016), era uma pescadora branca, enquanto que Vanda e Antonia, conquanto não tenham feito declarações de heteroidentificação, poderiam ser consideradas pescadoras não brancas. Desse modo, mesmo que não tenha realizado a devida discussão sobre performances racializadas, a pesquisa de Ferreira (2016) já indexa também diferentes espaços e possibilidades de transgressão de performativos de gênero para corpos racializados.

Tal observação nos leva a refletir sobre performances somático-discursivas de raça. Antes, contudo, de nos aprofundarmos em tais reflexões, vale lembrar que o construto de raça é aqui entendido de modo sociológico ou sociopolítico (BUCHOLTZ, 2011) e, por conseguinte, como um construto social. Assim, reverberando as discussões já apresentadas sobre performances de gênero e sobre os efeitos dos D/discursos em corpos femininos e masculinos, a ênfase aqui também se encontra sobre os efeitos somático-discursivos em corpos negros e brancos.

Conquanto não adote a discussão sobre performance, Bucholtz (2011) traz importantes pontos sobre a relação entre linguagem e raça, ao propor que esses dois construtos “se interseccionam de três principais maneiras: no uso de termos raciais, no discurso que toma raça como um tópico e no uso simbólico de formas linguísticas como modos de falar associados a grupos racializados” (BUCHOLTZ, 2011, p. 5). Trazendo destaque aos discursos que topicalizam questões raciais, Bucholtz (BUCHOLTZ, 2011, p. 7) lembra que “o discurso racial inclui toda fala ou escrita sobre raça ou assuntos racializados, desde as conversas cotidianas a pronunciamentos políticos e discussões na internet”. Além disso, ao assumir uma perspectiva de análise socioD/discursiva, a autora propõe que, por meio da linguagem, nós

2 Para sua tese de doutoramento, Ferreira (2016) analisa performances narrativas de três mulheres pescadoras não negras da cidade de Arraial do Cabo (Vanda, Antonia e Sandra). Após sua defesa, Ferreira dá prosseguimento às suas reflexões a inicia novo projeto de extensão, com protagonismo, agora, para mulheres pescadoras negras do município e entrevista, inicialmente, Claudia. Vale lembrar que todos esses nomes (Vanda, Antonia, Sandra e Claudia) são fictícios por questões de ética de pesquisa.

3 Para maiores detalhes sobre a pesquisa ver Ferreira (2016).

estamos “ativamente ‘fazendo’ raça, gênero, e outras identidades dentro da interação” (BUCHOLTZ, 2011).

Em outras palavras, embora Bucholtz (2011) não adote o construto de performance em sua teorização, por reconhecer que construímos ideias racializadas e generificadas sobre nossos corpos, por meio da linguagem e suas múltiplas indexicalidades<sup>4</sup> (BLOMMAERT, 2010), essa linguista sociocultural também traz luz aos múltiplos efeitos ou indexicalidades das nossas performances somático-D/discursivas. Nesse sentido, acredito poder aproximar suas reflexões com as de estudiosos como Butler e Scott, pois, semelhante ao que ocorre com as performances de gênero, Bucholtz (2011) propõe que ideias sobre raça “são o resultado contingente e mutável de processos históricos, políticos e culturais” (BUCHOLTZ, 2011, p. 5).

Desse modo, destaco o entendimento aqui adotado para os construtos de gênero, sexualidade e raça, como performances somático-discursivas não-fixas, mas sócio-históricas e relacionais (BUTLER, 1990; 1993; SCOTT, 1986; BUCHOLTZ, 2011) e interseccionais (CRENSHAW, 2002; COLLINS; BILGE, 2016; AKOTIRENE, 2018; LOVE, 2019), cujas reflexões serão alvo da próxima seção.

## 2 INTERSECCIONALIDADE E ORDENS DE INDEXICALIDADES

Quando Cláudia, mulher e pescadora negra, em uma das entrevistas realizadas no ano passado, afirma “nós não somos feministas. Só queremos ser reconhecidas como pescadoras”, ela sugere uma indexicalidade diferente, quase derogatória, para o título de “feminista”. Inicialmente, poderíamos pensar em duas possíveis razões para justificar a indexicalidade proposta por Cláudia. A primeira diz respeito a uma série de D/discursos depreciativos sobre as mulheres feministas. Segundo Hooks (2018, p. 11), é comum se ouvir D/discursos pejorativos acerca das feministas, como a crença de que “elas’ odeiam homens; ‘elas’ querem ir contra a natureza (e deus); todas ‘elas’ são lésbicas; ‘elas’ estão roubando empregos e tornando difícil a vida de homens brancos”.

Outra possível justificativa pode ser encontrada nas críticas feitas ao movimento feminista (mais clássico ou da primeira onda). Inúmeras são as leituras e reflexões atuais com críticas à primeira onda do feminismo, dando origem, inclusive, ao termo “feminismo negro” (COLLINS, 2016; AKOTIRENE, 2018). Destaco, aqui, as ponderações de Hooks (2018) quando ela afirma que as mulheres brancas “entraram para o movimento apagando e negando a diferença, sem pensar em raça e gênero juntos [...]. Priorizar gênero significou que mulheres brancas podiam assumir o palco, dizer que o movimento era delas, mesmo ao convocar todas as mulheres para aderir” (HOOKS, 2018, p. 90).

Ao historicizar a evolução do movimento feminista, Hooks<sup>5</sup> (2018) mostra que a sororidade utópica,

<sup>4</sup> Indexicalidade é um conceito que remete a Charles S. Peirce, quando ele teoriza a distinção entre ícone, índice e símbolo. Essa noção foi depois recuperada e desenvolvida por Silverstein (1976) e por ora destaco que “é o processo de criar relações entre uma forma semiótica, como, por exemplo, uma estrutura linguística, e significados contextualmente específicos, como uma identidade” (BUCHOLTZ, 2011, p. 8). Convém ressaltar que a noção de contexto, aqui, é fluida e envolve tanto processos de contextualização micro, quanto macrosociais (BLOMMAERT, 2006). Não obstante, a noção de indexicalidade significa que os índices (ou formas semióticas) apontam (indexam) para possíveis determinados significados, mas não os fixam.

<sup>5</sup> Hooks (2018) discute o movimento feminista reformista e o revolucionário, para depois apresentar o que ela chama de feminismo visionário radical. Para maior detalhamento ver “O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras”.

proposta pelos D/discursos feministas das mulheres brancas, ora num proposta reformista, ora numa proposta revolucionária, ainda não desconstruía realmente as bases do sistema opressor racista, classista, sexista, capitalista e cisheteropatriarcal (AKOTIRENE, 2018). Nesse sentido, percebemos que os D/discursos e as lutas do movimento feminista reformista (e do revolucionário) não propunham mudanças radicais, porque “para as mulheres brancas, existe uma gama maior de falsas escolhas e recompensas para se identificarem com o poder patriarcal e seus instrumentos” (LORDE, 1984, p. 243).

Frente a isso, a defesa de Hooks (2018) pelo feminismo visionário emerge com grande relevância, posto que tal feminismo nos incentiva “a ter coragem de avaliar a vida do ponto de vista de gênero, raça e classe, para que possamos compreender (...) nossa posição dentro do patriarcado capitalista de supremacia branca imperialista” (HOOKS, 2018, p. 165). Quando Hooks traz visibilidade a esses vários pontos de vista e de opressão/subordinação, por mais que não utilize esse termo, ela se refere ao construto de interseccionalidade (CRENSHAW, 2002).

Esse termo foi cunhado por Kimberlé Crenshaw (2002) e “busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (CRENSHAW, 2002, p. 177), nas relações sociais. Desse modo, Love (2019) propõe que interseccionalidade “não é apenas listar e nomear suas identidades – é uma ferramenta analítica necessária para explicar as complexidades e as realidades de discriminação e de poder ou a falta delas e como elas se cruzam com as identidades” (LOVE, 2019, p. 3). Para essa autora, existe uma diferença crucial entre diversidade e interseccionalidade, posto que diversidade é um construto que “inclui diferentes tipos de pessoas em termos de raça, gênero, sexualidade ou religião, dentro de uma organização, comunidade, companhia ou escola” (LOVE, 2019). Neste caso, estamos lidando com a questão da representatividade, que pode (e deve!) ser parte das nossas discussões, mas ainda estamos olhando essas categorias de modo isolado, em diferentes corpos/sujeitos. Interseccionalidade, por sua vez, busca examinar a convergência dessas diferentes categorias sociais (e seus respectivos modos de opressão ou subordinação social e histórica) incidindo sobre um mesmo corpo/sujeito em uma prática situada.

Em outras palavras, a perspectiva interseccional “impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos” (AKOTIRENE, 2018, p. 38), posto que cada prática discursiva, performance ou análise é compreendida de modo contextualizado e singularizado. Ou ainda, a interseccionalidade nos permite “entender e analisar a complexidade do mundo, nas pessoas e nas experiências humanas” (COLLINS; BILGE, 2016, p. 1). Love (2019) complementa, também, que a “interseccionalidade não apenas provê um modo no qual possamos pensar as comunidades às quais pertencemos, mas também meios de discutir todas as nossas comunidades, de modo que elas busquem dar conta de como a opressão intersecciona nossas vidas diárias” (LOVE, 2019, p. 6). Ou seja, é a possibilidade de olhar uma sociabilidade (ou um sujeito social e sua corporeidade) como uma lente caleidoscópica que nos permite compreender o “poder da comunidade, ou sua ausência, e garantir inclusão nos movimentos de justiça social” (LOVE, 2019, p. 3).

Por sua perspectiva complexa e múltipla, o construto de interseccionalidade em muito contribui para as discussões envolvendo as ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2010; FERREIRA, 2016).

Bebendo nas fontes do conceito foucaultiano de ordem do discurso<sup>6</sup>, Ferreira (2016) propõe que as ordens de indexicalidade envolvem uma estratificação hierárquica<sup>7</sup> e valorativa que explica como ou por que alguns discursos ou vozes

são sistematicamente percebidos como válidos, outros, como menos válidos, havendo, ainda, aqueles que nem são citados no momento da interação (BLOMMAERT, 2010, p. 38). Por conseguinte, esse conceito está estreitamente relacionado a questões de poder, normatividade, acessibilidade e desigualdade, uma vez que diz respeito a “padrões de autoridade, controle e avaliação e, portanto, de inclusão e exclusão” (*id.*) de sociabilidades (FERREIRA, 2016, p. 61).

Destaco aqui que as ordens de indexicalidade são provisórias e complexas, porque, semelhante a Blommaert (2010), entendo as práticas D/discursivas como sendo também policêntricas<sup>8</sup>. No caso específico das pescadoras de Arraial do Cabo, em Ferreira (2016), por exemplo, temos as pescadoras (não tão marcadas fenotipicamente com traços de branquitude<sup>9</sup>) Vanda e Antonia encenando performances narrativas de pescadoras e entextualizando performances de masculinidade. Para elas, o centro normativo que legitima suas performances são a resistência e a força física. Temos, aqui, então, uma ordem de indexicalidade que privilegia performances de masculinidade, como recurso para legitimar performances narrativas de pescadoras, além do fato de elas necessitarem da presença e participação de seus maridos (ou pais) para poderem pescar (FERREIRA, 2016).

Sandra (pescadora com traços fenotípicos mais associados à branquitude), por outro lado, pesca em um barco com outras oito mulheres pescadoras e legitima suas performances narrativas de pescadora entextualizando o registro, os discursos e saberes repetidos pelos pescadores de Arraial. Ou seja, neste caso, a ordem de indexicalidade exalta não as performances de gênero, mas aquelas referentes aos saberes e tradições locais (FERREIRA; FIALHO, 2013; FERREIRA, 2016), ilustrando uma apropriação dos saberes, dos D/discursos e da arte da pesca local. Mais do que isso, Sandra disputa territórios de pesca com homens/pescadores e subverte algumas ordens de indexicalidade que privilegiam os homens, ou a necessidade de estar em uma união heteronormativa para poder pescar (FERREIRA, 2016).

O que podemos observar em Ferreira (2016), então, é que, embora exista uma pescadora com traços fenotípicos da branquitude, a pesquisadora não discute os possíveis privilégios que Sandra poderia ter nas suas performances de pescadora, em relação a Vanda e Antonia. Tal visada permitiria uma análise

6 Para compreender tal conceito, ver “A ordem do discurso” (FOUCAULT, [1971] 2003).

7 Vale dizer que a hierarquização aqui citada refere-se às vozes e aos discursos e não às análises interseccionais, visto que essas são entendidas na sua singularidade.

8 As práticas D/discursivas são consideradas policêntricas, porque **não** “são orientadas por normatividades monolíticas, mas por múltiplos e descentrados centros normativos. Por esse motivo, inclusive, encontramos diferentes ordens de indexicalidade nos fenômenos sócio-discursivos. Blommaert (2010) afirma que ‘a policentricidade é uma característica central dos regimes interacionais’ (*op. cit.*, p. 40), marcados por embates entre diferentes indexicalidades” (FERREIRA, 2016, p. 61).

9 A discussão sobre branquitude é bastante vasta. Por ora, gostaria apenas de citar que para definir branquitude precisamos pensar no grupo racial lido como branco e no “seu poder de autorizar a subordinação de outros grupos racializados. [...] a branquitude está sempre dotada com poder institucional ou estrutural em algum nível” (BUCHOLTZ, 2011, p. 15). Essas reflexões culminam na noção de que a branquitude (ainda) é hegemônica e não marcada (vista como natural ou como norma).

interseccional (AKOTIRENE, 2018; LOVE, 2019) com muito mais propriedade e profundidade. Após sua pesquisa, Ferreira (2016) teve conhecimento da existência de mulheres pescadoras negras no Cabo, e inclusive da Cooperativa formada por essas mulheres na Prainha, e buscou analisar, então, como essas pescadoras negras encenavam e legitimavam suas performances narrativas. Nas próximas seções, são apresentados detalhes sobre a metodologia de pesquisa utilizada e a análise dos dados.

### 3 METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente estudo se configura em um estudo de narrativas (SANTOS, 2007; FERREIRA, 2016). Os dados para o presente trabalho foram gerados em entrevistas realizadas com uma pescadora negra de Arraial do Cabo, Claudia<sup>10</sup>, entre julho de 2018 e maio de 2019. Para geração de dados, usei entrevistas semi-estruturadas e destaco que entendo entrevista como ato de fala (MISHLER, 1986) e performance narrativa (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2003; FERREIRA, 2016), da qual emergem performances D/discursivas interseccionais. Esse entendimento implica compreender a relação entre entrevistador e entrevistado como processos provisórios de contextualização D/discursiva (BLOMMAERT, 2006), sujeitos a contínuas negociações-interpretações.

Desse modo, nenhum significado é tomado como único, nem durante a entrevista, nem na análise, posto que a interpretação, ora apresentada, é apenas uma perspectiva dos eventos em questão. Sobre a pescadora em questão, é importante citar que Claudia, pescadora e mulher negra, nasceu em Arraial do Cabo, no morro da Prainha, e cresceu entremeada por D/discursos e práticas da cultura da pesca, atuando sempre no beneficiamento<sup>11</sup> do peixe. Algumas entrevistas foram gravadas no campus do IFRJ, outras, no Parque Público Hermes Barcelos (Arraial do Cabo) e ainda houve outras que foram gravadas na casa de Claudia.

Informo, também, que as convenções utilizadas na transcrição são orientadas por Schnack, Pisoni e Ostermann (2005) e não pretendem ser um reflexo do ocorrido (GARCEZ, 2002), mas um recorte de dados no qual já é possível identificar o processo de análise (GARCEZ, 2002). Por fim, como categoria de análise, proponho-me a utilizar pistas de contextualização (GUMPERZ, [1982] 2002) e pistas indexicais, além das ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2006; 2010), com o objetivo de promover uma análise D/discursiva mais interseccional, em que diferentes categorias sociais se entrecruzam e promovem a emergência de novas ordens de indexicalidade, para as performances narrativas de pescadoras do Cabo.

### 4 ANÁLISE DE DADOS

Conforme já comentado, as entrevistas e os projetos em andamento com Claudia são desdobramentos das reflexões alcançadas em Ferreira (2016). O excerto a seguir é de uma das primeiras entrevistas gravadas com Claudia. Nessa entrevista, a pescadora me contava sobre suas iniciativas empreendedoras

10 Nome fictício.

11 Beneficiamento do peixe é todo e qualquer tratamento oferecido ao peixe pescado, para que ele não seja vendido *in natura*. Em Arraial do Cabo, alguns desses tratamentos envolvem as atividades de lavar, limpar, tirar a cabeça, pesar, salgar, desescamar, retirar nadadeiras ou vísceras, filetar, preparar nuggets, fishburguers, etc.

na comunidade onde mora e sobre o resgate das memórias e tradições do Cabo.

01 **Claudia:** (...) não tem como dizer assim que você é cabista e não tá vinculado à área da pesca /  
 02 (...) / (inaud) da pesca / então / as mulheres que beneficiam / são marisqueiras / mesmo as que  
 03 pescam / os pescadores homens não aceitam elas / (...) / mas nós aqui em Arraial do Cabo / não  
 04 podemos abrir a boca para dizer que somos pescadoras / porque os homens não aceitam / mesmo  
 05 que você vá no barco / pesque / e volte junto com eles / eles dizem que não é pescadora não! / e  
 06 aí?↑ (...) / então / quem (inaud) vai lá / pesca e depois? / quem leva para pesar? / quem lava? /  
 07 quem beneficia e põe no mercado é o que? / (0.1) / pescador também!↑ / tá na área da cadeia da  
 08 pesca / e são a maioria das mulheres que fazem essa parte / do beneficiamento / e ficam / como  
 09 que fala? / atrás do tablado / atrás das cortinas / (...) / as mulheres então dos pescadores / eles não  
 10 as consideram pescadoras / mas são pescadoras!↑ / porque são elas que esperam o peixe /  
 11 são elas que:: / tudo é o peixe / tudo é o peixe na vida delas / é o peixe / como não são  
 12 pescadoras?!↑ / muitas só não vão para o alto mar / (...) / mas costumam rede / fazem rede / e::h  
 13 empatam anzol / tudo isso dentro de casas / mas:: pescaDORAS / adiantam o lado do pescador /  
 14 empatando o anzol / (...)  
 15 **Pesquisadora:** e como é que você se vê / porque eu acho que você é exemplo de mulher / né /  
 16 Cla::udia  
 17 **Claudia:** (suspira com certo pesar)  
 18 **Pesquisadora:** e eu gostaria muito que houvesse outras Claudias /  
 19 **Claudia:** olha / tem muitas / VÁ↑rias / só que elas estão atrás das cortinas / eu posso dizer assim  
 20 “eu meti a cara?” / há [interjeição de espanto] / “dei a cara a tapa?” / há [interjeição de espanto]  
 21 / (...) / eu sei o preço o custo que está sendo isso / (...) / mas não sou eu só não! / imagina assim  
 22 30 / 50 / 80 Claudias dentro de Arraial do Cabo / EXISTEM! / EXISTEM! / nos bastidores / (...)  
 23 / agora / mulheres que tem mari::dos / que vão e voltam e tem aqui o salário da pesca / isso e  
 24 aquilo / eu sempre tive o meu salário / (...) / eu acho que pior ainda é daquelas que / me desculpe  
 25 aí os senhores maridos pescadores / ou algo parecido / porque são mulheres que / não podem  
 26 mostrar / assim / ter sua identificação / ter sua identidade como uma mulher que participa / que  
 27 é e que faz / (...) / poder falar e assumir / nós tivemos esse problema dentro da cooperativa / (...)  
 28 / algumas tiveram que sair / porque o marido estava reclamando das reuniões / (...) / eles não  
 29 gostaram / aí elas tiveram que parar com a cooperativa / aí eu perguntei “mas não precisa pará::”  
 30 / “ah mas meu marido não quer mais” / e não é que eu quisesse forçar para que ela desobedecesse  
 31 o marido / mas eu tive que ouvir de uma “quem me sustenta é ele” / (0.2) / há [interjeição de  
 32 surpresa] / nossa↓ / (...) / sou feminista não↑ / (0.2) NÃO! ↑ / (...) mas ter dono↓ / (0.1) / por  
 33 causa às vezes de almoçar e jantar!?! / ôxe / forte né? / muito fo::rte / mas EXISTE! / (...) / difícil  
 34 né? / (...) / a gente não quer atropelar o homem que pesca / a gente depende deles / (...) / quer  
 35 dizer / nós não somos feministas não / nós queremos ser reconhecidas como pescadoras  
 36 / mulheres da pesca / (entrevista com Claudia - dia 11.09.2018)

Antes de iniciar a análise do excerto, vale dizer que, se em Ferreira (2016), as mulheres pescadoras entrevistadas não tematizaram dificuldades de reconhecimento do seu trabalho, aqui, logo de início,

Claudia traz essa questão. Podemos observar, então, que Cláudia aponta, nas linhas 02 a 04, que as mulheres atuam na cadeia de pesca (no beneficiamento do peixe) e que devem ser consideradas pescadoras por isso. O entendimento de atividade de pesca aqui vai além da ação de ir pescar no mar. Em outras palavras, envolve todas as atividades na cadeia da pesca. Todavia, as mulheres não são reconhecidas como pescadoras pelos homens pescadores do Cabo. No trecho “mesmo as que pescam / os pescadores homens não aceitam elas”, temos a pista de contextualização “mesmo as [mulheres] que pescam”, com a partícula de inclusão “mesmo”, sugerindo que existem mulheres que saem para pescar (FERREIRA, 2016), mas que até mesmo essas não são legitimadas como pescadoras.

Em seguida, a o marcador discursivo “mas”, com valor adversativo, e os dêiticos “nós” e “aqui”, em “mas nós aqui em Arraial do Cabo / não podemos abrir a boca para dizer que somos pescadoras”, indiciam, portanto, uma ordem de indexicalidade que privilegia e legitima, exclusivamente, a performance de gênero do homem pescador que pesca no mar, na cultura de pesca do Cabo. Na linha 05, novamente, o operador concessivo “mesmo que”, indicando um tom permissivo à ida da mulher no barco de pesca com algum homem, em “mesmo que você vá no barco / pesque / e volte junto com eles / eles dizem que não é pescadora”, indexa a invisibilidade do trabalho da mulher da pesca entre os homens pescadores do Cabo.

Ainda neste trecho, a partir do dêitico “eles” e da modalização epistêmica<sup>12</sup> na pista indexical “dizem”, Claudia parece sugerir sua discordância acerca da perspectiva adotada pelos homens pescadores, ao enunciar “eles dizem que não é pescadora não! / e aí?↑ (...)”, especialmente quando, em seguida, enuncia a expressão “e aí?”, indexando espanto e sugerindo um impasse diante dessas duas ordens de indexicalidade: uma que legitima apenas os homens que vão ao mar como pescadores e a outra que compreende outras atividades em terra como parte da cadeia de pesca e que legitima outros sujeitos sociais como pescadores e pescadoras.

A seguir, entre as linhas 06 e 14, a partir de pistas de contextualização e da entextualização do registro do pescador (FERREIRA, 2016), como “empatar anzol”, “costurar rede”, “beneficiamento do peixe”, Claudia lista inúmeras atividades da cadeia da pesca que são realizadas por mulheres, mas que não são reconhecidas pelos homens como pesca. Mais do que isso, ela indica a invisibilidade e a desvalorização do trabalho feminino, como podemos observar pelas pistas de contextualização “atrás do tablado / atrás das cortinas”, na linha 09, ou ainda quando ela enuncia “olha / tem muitas / VÁ↑rias / só que elas estão atrás das cortinas” (linha 19). Nesse último trecho, da linha 19, a pista indexical “VÁ↑rias”, com prosódia acentuada e ascendente, atuando como um dêitico que se refere a outras mulheres como Claudia, indicia a existência de inúmeras mulheres no Cabo buscando reconhecimento e legitimidade social como pescadora. Todavia, a expressão oral “só que”, atuando como operador adversativo, em “só que elas estão atrás das cortinas”, sugere que elas ainda não alcançaram visibilidade ou legitimidade na comunidade.

Ora, diante dessas performances narrativas, começam a surgir, aqui, algumas reflexões interseccionais, uma vez que Sandra, Vanda e Antonia apontaram alguns desafios ou dificuldades nas suas performances narrativas de pescadoras (FERREIRA, 2016), mas não enunciaram qualquer problema com a invisibilidade das suas performances como pescadoras. Ao contrário, Vanda e Antonia, inclusive,

12 Segundo Wortham (2001), a modalização epistêmica confere validade e legitimidade a um enunciado. Ela diz respeito ao grau de certeza, ou de profundidade de conhecimento, que o enunciador tem sobre o enunciado proferido ou, no caso da narrativa, sobre o evento narrado.

encenaram performances narrativas de pescadoras profissionais. Estaria, então, Claudia falando de outras mulheres pescadoras negras do Cabo, uma vez que eu enunciei o desejo de encontrar outras mulheres com performances como a dela? Ou ainda, será que Vanda, Antonia e Sandra teriam consciência da invisibilidade de outras mulheres pescadoras?

Acredito, desse modo, que por lidarem apenas com os performativos de gênero, no seu cotidiano – uma vez que, a branquitude ainda não costuma ser marcada como raça – as pescadoras analisadas em Ferreira (2016) podiam, de algum modo, gozar dos privilégios da sua não-negritude e, com isso, não eram tão invisíveis como Claudia (e outras mulheres negras e da comunidade<sup>13</sup>) ainda são. Diante disso, podemos compreender como diferentes eixos e formas de opressão social, analisados interseccionalmente, podem atuar de modos distintos sobre corpos de mulheres brancas e negras na cultura da pesca, favorecendo maior ou menor possibilidade de encenar e legitimar performances D/discursivas de pescadora. Corroborando esse ponto, nas linhas 21 e 22, Claudia ressalta, com prosódia acentuada, a existência de mulheres pescadoras como ela, *i.e.*, mulheres pescadoras negras, que se encontram ainda nos bastidores, porque, na cena de frente, teríamos os maridos, ou homens pescadores, como podemos ver a partir da linha 23, ou quem sabe, até mesmo as mulheres pescadoras brancas ou não negras (FERREIRA, 2016).

Em seguida, o índice “agora”, com valor adversativo, no trecho “agora / mulheres que tem mari::dos”, com alongamento na pronúncia da pista indexical “mari::dos”, indica o início de uma nova contextualização, que envolve outra categoria na análise interseccional – o estado civil da mulher pescadora negra<sup>14</sup>. Aqui, nessa contextualização e ordem de indexicalidade, o fato de a mulher ser casada poderia ser um empecilho para sua atividade como pescadora. Vale destacar que Claudia não é casada e afirma, na linha 24, sua constante independência financeira, como podemos observar na pista indexical “sempre” com sentido temporal, no trecho “eu sempre tive o meu salário”, assim como no dêitico “meu” qualificando o recurso semiótico “salário”. Essa ênfase na sua independência financeira aponta para um enquadre regulatório de gênero pós-movimento feminista (da primeira onda), quando as mulheres (brancas) passaram a lutar pelo direito ao trabalho e à sua independência financeira. Além disso, essa performance contrastará com os trechos seguintes, acerca de outras mulheres casadas, mas financeiramente dependentes de seus maridos.

Ou seja, entre as linhas 24 e 27, no trecho “eu acho que pior ainda é daquelas que / me desculpe aí os senhores maridos pescadores / ou algo parecido / porque são mulheres que / não podem mostrar / assim / ter sua identificação / ter sua identidade como uma mulher que participa / que é e que faz / (...)/ poder falar e assumir”, a partir de uma modalização epistêmica, com a pista indexical “eu acho”, Claudia enuncia D/discursos críticos acerca da condição das mulheres dependentes financeiramente de seus maridos e que *não* podem “ter sua identidade como uma mulher que participa / que é e que faz / (...) / poder falar e assumir”.

Assim, o dêitico “daquelas”, atuando como pista indexical, sugere uma distância de seu posicionamento axiológico daquelas mulheres não autônomas, ou ainda, das mulheres que ecoam

13 Maiores detalhes serão apresentados no último excerto analisado.

14 Destaco aqui o fato de se tratar da mulher pescadora casada *ser negra*, porque, em Ferreira (2016), para algumas mulheres brancas ou não negras, ser casada em união heteronormativa era condição para poder atuar na pesca e ser considerada pescadora.

enquadres regulatórios de gênero do início do século XX (anteriores ao movimento feminista). Além disso, quero trazer destaque à modalização deôntica<sup>15</sup> no trecho “[não] poder falar e assumir”, na linha 27, que destaca não somente o poder socioconstitutivo da linguagem para as performances de gênero, com a pista indexical “falar e assumir” quem são ou desejam ser, mas também indica a não autorização – “[não] poder” – “daquelas mulheres” de encenarem performances narrativas de pescadoras, como discutido em Ferreira (2016).

A partir deste momento, entre as linhas 31 e 34, temos importantes enunciações na finalização desse excerto, quando Claudia propõe “mas eu tive que ouvir de uma ‘quem me sustenta é ele’ / (0.2) há [interjeição de surpresa] / nossa↓ / (...) / sou feminista não↑ / (0.2) NÃO! ↑ / (...) mas ter dono↓ / (0.1) / por causa às vezes de almoçar e jantar!?! / ôxe / forte né? / muito fo::rte / mas EXISTE!”. Esse trecho, que inclusive ilustra o título do presente artigo, traz o marcador discursivo “mas”, com valor adversativo, como pista indexical que aponta o momento em que Claudia se depara com enquadre regulatório de gênero e ordem de indexicalidade distintos aos seus. A expressão de surpresa – “há” – após uma pausa de dois segundos indica seu espanto e ratifica sua perspectiva contrária.

Por outro lado, logo em seguida, ela enuncia “sou feminista não↑ / (0.2) NÃO!↑ / (...) mas ter dono↓ / (0.1) / por causa às vezes de almoçar e jantar!?!”. Aqui, embora o trecho “mas ter dono↓ / (0.1)”, com prosódia descendente e pausa reflexiva de um segundo, indique uma perturbação diante da compreensão de mulher como propriedade, comum aos D/discursos anteriores ao movimento feminista, a prosódia aumentada, na pista indexical “NÃO!↑”, depois de uma pausa de dois segundos, indica a forte incompatibilidade com o D/discurso feminista (possivelmente da primeira onda), como pista de contextualização mais forte da sua performance.

Essa incompatibilidade com o D/discursos feministas, reformista e revolucionário (HOOKS, 2018), é ratificada no trecho seguinte que sugere, inclusive, novas relações para homens e mulheres e nova ordem de indexicalidade para performances de gênero, na cultura de pesca. Essa compreensão pode ser observada, entre as linhas 34 e 36, em “a gente não quer atropelar o homem que pesca / a gente depende deles / (...) / quer dizer / nós não somos feministas não / nós queremos ser reconhecidas como pescadoras / mulheres da pesca”. Nesse trecho, a pista de contextualização “atropelar”, em “a gente não quer atropelar o homem que pesca” indica a não necessidade de sobreposição da figura e performance masculina para realização das performances de pescadoras. O D/discurso aqui é de interdependência entre pescadores e pescadoras, como sugere o recurso semiótico seguinte “depende”, em relação aos dêiticos “a gente” e “eles” correspondendo, respectivamente, às pescadoras e aos pescadores.

Em outras palavras, vemos emergir, neste instante, a partir dessa análise interseccional que leva em conta performances de gênero, sexualidade, estado civil e de raça, uma nova ordem de indexicalidade para as performances de gênero na cultura de pesca em Arraial do Cabo, a saber, uma ordem de indexicalidade mais interdependente e menos competitiva, nas relações gênero- raciais, entre pescadores e pescadoras do Cabo, diferentemente do encontrado em Ferreira (2016). A seguir temos um segundo excerto de entrevista com Claudia que complexifica e ratifica as análises já apresentadas.

15 Semelhante ao que ocorre com as modalizações epistêmicas, a modalização deôntica diz respeito ao grau de obrigatoriedade, permissibilidade ou conformidade de uma ação em relação a certas normas e padrões.

01 **Claudia:** (...) é a primeira vez na história da pesca / que uma mulher vinda da comunidade / faz  
02 parte de um grupo / de um movimento / como esse / pra planejar / o trabalho de pesca que até  
03 então era somente os homens / só os homens faziam esse papel / ou mulheres / mas que  
04 representavam (sic) instituições / representando (sic) colônia / representando (sic) IBAMA / o  
05 ICMBio no caso né / mas a comunidade é a primeira vez na história de Arraial do Cabo / sou eu  
06 e uma outra pescadora de Praia Grande / (...) / e tudo isso porque tivemos grandes avanços / né  
07 / (...) / eu denomino “mulheres da pesca” / porque até então os pescadores daqui eles não aceitam  
08 / dizer que as mulheres são pescadoras / mas está escrito nos Direitos Previdenciário / (...) / quem  
09 vive direta ou indiretamente da pesca / nós fazemos parte da cadeia do mexilhão no marisco  
10 / (...) / agora que não vamos direto pro mar buscar / mas nós fazemos o beneficiamento do pescado  
11 / (...) / e é isso / e a Prainha / que é a comunidade da Prainha / pela qual eu venho lutando e  
12 defendendo a nossa comunidade que / até então / era invisível / não está mais!↑ / porque a cada  
13 dia estamos conquistando mais espaço / não só diante da pesca / (...) / e estamos formando uma  
14 cooperativa / mas nós não somos radicais de dizer assim “é tudo mulher” / não↑ / 70% mulher e  
15 30% homem / (entrevista com Claudia – dia 16. 07. 2018)

Nesse segundo excerto, logo de início, entre as linhas 01 e 04, Claudia nos diz que “é a primeira vez na história da pesca / que uma mulher vinda da comunidade / faz parte de um grupo / de um movimento / como esse / pra planejar / o trabalho de pesca que até então era somente os homens”. A modalização epistêmica indexada pelo recurso semiótico “é”, em “é a primeira vez na história da pesca”, indica a dimensão histórica da importância da performance de pescadora de Cláudia. Além disso, aqui, a interseccionalidade que, até então, envolvia gênero, raça, sexualidade e estado civil, agora também agrega classe social, como indicam as pistas de contextualização “mulher vinda da comunidade”.

Em outras palavras, a performance narrativa de Claudia sinaliza que, até este momento, as únicas vozes ou interesses considerados nas ações de planejamento do trabalho de pesca eram as masculinas, como vemos na pista indexical “só”, indicando sentido de exclusividade, em “só os homens faziam esse papel” (linha 03) ou ainda algumas mulheres. Não obstante, neste caso, não se tratava de mulheres de base ou da comunidade, como sugere o marcador discursivo “mas”, com valor adversativo, em “ou mulheres / mas que representavam (sic) instituições / representando (sic) colônia / representando (sic) IBAMA / o ICMBio no caso né” (linhas 03 e 04). Ou seja, uma vez mais, ainda que existissem mulheres nesse espaço de planejamento da pesca, possivelmente seriam mulheres brancas, ou acadêmicas, mas, principalmente, mulheres que não eram mulheres pescadoras de base e da comunidade, posto que as pistas indexicais “que representavam (sic) instituições” sugerem que somente alguns interesses (institucionais ou acadêmicos) estavam sendo considerados nesse trabalho de planejamento da pesca.

Entre as linhas 05 e 06, novamente, Claudia ratifica novamente o ineditismo dessa performance, indicada no marcador discursivo “mas”, com valor adversativo, em “mas a comunidade é a primeira vez na

história de Arraial do Cabo”. A mulher negra pescadora continua sua performance, ratificando o caráter único e situado dessa narrativa na história de Arraial do Cabo, marcando esse ineditismo nos dêiticos “eu” e “outra pescadora”, em “sou eu e uma outra pescadora de Praia Grande”. A contextualização para que essas performances de mulheres pescadoras negras de comunidade pudessem participar de grupos de planejamento da pesca é tão rara que Claudia conclui esse trecho enunciando, a partir da expressão dêitica “tudo isso”, que toda essa performance extraordinária é possível porque ocorreram grandes transformações histórico-sociais nas relações e performances de gênero, raça e classe social, como indexicaliza o marcador discursivo “porque” com sentido de explicação em “porque tivemos grandes avanços”.

Maiores detalhes sobre esses “grandes avanços” são apresentados entre as linhas 11 e 13, quando Claudia propõe “e é isso / e a Prainha / que é a comunidade da Prainha / pela qual eu venho lutando e defendendo a nossa comunidade que / até então / era invisível / não está mais!↑ / porque a cada dia estamos conquistando mais espaço / não só diante da pesca”. Nesse trecho, ao falar da Prainha, Claudia está se referindo a questões históricas de racismo ambiental<sup>16</sup> no município e ao descaso com que a população desse bairro é tratada. Claudia encena uma performance narrativa não somente de mulher pescadora negra da comunidade, mas também de liderança, como vemos marcado no dêitico “eu”, em “eu venho lutando e defendendo a nossa comunidade”. Convém destacar que o problema da invisibilidade, citado no primeiro excerto, é aqui recuperado, agora, em referência à comunidade da Prainha, como vemos na linha 12, pelas pistas indexicais “até então / era invisível / não está mais!↑”, com prosódia ascendente na parte final em que cita a saída do bairro da invisibilidade.

Por fim, entre as linhas 13 e 15, temos um momento muito importante para essa nova ordem de indexicalidade interdependente nas relações gênero-raciais, quando Claudia comenta sobre a cooperativa de mulheres da Prainha e propõe “mas nós não somos radicais de dizer assim ‘é tudo mulher’ / não↑ / 70% mulher e 30% homem”. O marcador discursivo “mas”, com seu valor adversativo, uma vez mais indica que Claudia se sustenta em uma nova ordem de indexicalidade, com novo centro normativo, a saber: o da mutualidade e interdependência (Hooks, 2018). O dêitico “nós” indica que é um movimento organizado e liderado por mulheres da comunidade, mas mulheres que se afastam dos D/discursos feministas de competitividade ou de sobreposição dos homens e vão ao encontro de outro que seja sustentado na noção de mutualidade. Esse posicionamento, contudo, não significa perder o protagonismo feminino de base da mulher negra, como podemos ver nas pistas de contextualização “70% mulher e 30% homem”, que indicam os percentuais de possibilidades de participação na cooperativa. Acredito, assim, que essa nova reposta ou nova ordem de indexicalidade, proposta nas performances de Claudia, ilustre o que Hooks (2018) chama de feminismo visionário que, no caso do presente estudo, configura uma ordem de indexicalidade inédita para as performances D/discursivas gênero-raciais na cultura de pesca em Arraial do Cabo.

16 Segundo Prado (2000, p. 62), “os negros foram para Prainha em 1888, após a abolição, ou então, aqueles que não eram escravos se situaram ali. (...) Era uma comunidade totalmente negra. (...) a Prainha era então uma área exclusiva de negros que, quando possível, fugiam da endogamia imposta pelo ‘racismo’ e se misturavam com os brancos, obviamente não com os da Praia dos Anjos, mas com os descendentes da imigração portuguesa, da Praia Grande”.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Segundo Angela Davis, “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras. Com isso, muda-se a base do capitalismo”. Em discurso realizado em 2017, essa feminista negra sintetiza importantes reflexões para a presente discussão. Analisar performances D/discursivas e práticas sociais de mulheres negras implica falar sobre o feminismo, mas também sobre o racismo, classismo, capitalismo, patriarcado e colonialismo, apenas para início de conversa. Talvez por isso, Hooks (2018, p. 15) nos faça o seguinte convite,

imagine viver em um mundo onde não há dominação, em que mulheres e homens não são parecidos nem mesmo sempre iguais, mas em que a noção de mutualidade é o *ethos* que determina nossa interação.(...). Uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo. (HOOKS, 2018, p.15)

Essa defesa de Hooks (2018) é o cerne do que ela chama de feminismo visionário. Nesse movimento, formado de base, a defesa não é somente pela equidade de oportunidades e direitos entre homens e mulheres, mas de transformação das condições desiguais e das diferentes práticas de sofrimento de modo mútuo e interdependente. Acredito que, por esse motivo, Claudia recuse a identificação com o movimento feminista (tradicional), porque, para as mudanças radicais necessárias, é preciso ir além dos propósitos desse movimento feminista. E por isso também saliento a importância e o valor das novas ordens de indexicalidade que ela propõe nas suas performances D/discursivas para as culturas de pesca no Cabo, a saber: tanto a que amplia a compreensão de pesca e, portanto, de pescadores e pescadoras, envolvendo as várias atividades da cadeia de pesca quanto a de interdependência entre pescadores e pescadoras.

Consoante o discurso de Davis, entendo que essas novas ordens de indexicalidade sejam possíveis pelas múltiplas interseccionalidades experimentadas pela mulher negra. Segundo Hooks (2018, p. 15), é fundamental reconhecer “a vantagem especial que nossa perspectiva de marginalidade nos dá e fazer uso dessa perspectiva para criticar a dominação racista, classista e a hegemonia sexista, bem como refutar e criar uma contra hegemonia”.

Dito de outro modo, podemos compreender, como especial, a perspectiva das mulheres negras, porque elas podem se aliar tanto às mulheres (brancas) na luta contra o sexismo quanto aos homens (negros) na luta contra o racismo (RAMOS, 2017; HOOKS, 2018). Isso sem falar na luta contra as desigualdades econômicas e discursos classistas que também atingem essas mulheres (AKOTIRENE, 2018), pois, segundo Collins (2016, p. 101), “estudiosas feministas negras podem pertencer a um dos vários distintos grupos de intelectuais marginais cujos pontos de vista prometem enriquecer o discurso sociológico contemporâneo”.

Pela interseção de diferentes eixos de opressão social, é indubitável que elas vivenciam violências e experiências muito dolorosas diariamente, mas é igualmente fundamental e necessário reconhecer e valorizar a potencialidade de suas respostas a tais violências, que criticam, de modo mais justo e ético, a dominação cisheteropatriarcal, capitalista, classista e racista por diferentes vieses. No caso desse artigo,

as performances D/discursivas encenadas por Claudia ilustram uma possibilidade de resposta a tais violências e se mostram mais valorosas, críticas e profundas do que as discutidas em Ferreira (2016). Como hooks, acredito que Claudia esteja propondo um movimento radical e de base sustentado em “uma ética de mutualidade e interdependência, (...) um caminho para acabar com a dominação enquanto, simultaneamente, mudamos o impacto da iniquidade” (HOOKS, 2018, p. 166).

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.
- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press. 1962.
- BUCHOLTZ, M. *White kids. Language, race, styles and youth identity*. USA: Cambridge University Press, 2011.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990/2003.
- \_\_\_\_\_. *Bodies that matter. On the discursive limits of sex*. London: Routledge, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Excitable Speech. A politics of performative*. New York & London: Routledge, 1997.
- BLOMMAERT, J. Sociolinguistic scales. *Working Papers in Urban Language and Literacies*. Paper 37. King’s College London, p. 1-15, 2006.
- \_\_\_\_\_. A messy new market place. In: \_\_\_\_\_. *The sociolinguistics of globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 28-62.
- COLLINS, P. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016.
- COLLINS, P. BILGE, S. *Intersectionality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, ano 10, p. 171-188, 2002.
- DERRIDA, J. Signature Event Context. In: \_\_\_\_\_. *Limited Inc*. Evanston, Northwestern: University Press, 1977. p. 1-23.
- FERREIRA, M. A. G. *Entre redes de discursos e de pesca: performances narrativas de mulheres pescadoras em Arraial do Cabo*. 2016. 199 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- \_\_\_\_\_. “Eles num vê uma mulhé na água / (...) eles vê como se fosse um homem”: cronótopos e performances de gênero na pesca em Arraial do Cabo. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, MG, v. 30, n. 1, p. 279-303, jan./jun. 2017.
- FERREIRA, M. A. G. e FIALHO, R. M. *Nas redes de saberes e histórias*. Rio de Janeiro: União Nacional de Autores, 2013.
- GARCEZ, P. M. Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. In: MOITA LOPES, L. P; BASTOS, L. C. (Orgs.). *Recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 83-95.
- GEE, J. P. *An introduction to discourse analysis: Theory and Method*. London; New York: Routledge, 1999.
- GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. *Postmodern Interviewing*. SAGE Publications: [s.n.], 2003.
- HOOKS, B. *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa

dos Tempos, 2018.

LINSKER, R.; TASSARA, H. *O mar é uma outra terra*. São Paulo: Terra Virgem, 2005.

LOVE, B. L. *We want to do more than survive: abolitionist teaching and the pursuit of educational freedom*. Boston: Beacon Press, 2019.

LORDE, A. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. Tradução de Léa Viveiros de Castro. In.: \_\_\_\_\_. *Sister Outsider: Essays and speeches*. Nova York: Crossing Press, 1984.

MISHLER, E. G. *Research Interviewing: Context and Narrative*. Harvard University Press. USA, 1986.

PRADO, S. M. *Da anchova ao salário mínimo: uma etnografia sobre injunções de mudança social em Arraial do Cabo*. Niterói: EdUFF, 2002.

RAMOS, L. Crise política e as esquerdas. In.: BUENO, Winnie et. al. *Tem saída? Ensaio crítico sobre o Brasil*. Porto Alegre: Zouk, 2017.

SANTOS, W. S. *O longo caminho até Damasco: rede de mudança e fluxo de mudança em Narrativas de Conversão religiosa*. 2007. 210 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2007.

SCHNACK, C. M.; PISONI, T. D.; OSTERMAN, A. C. Transcrição da fala: do evento real à representação da escrita. *Revista Entrelinhas*, ano II, n. 2, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=2&s=9&a=12>>. Acesso em: 10 set. 2019.

SCOTT, J. W. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. *The American Historical Review*, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, Dec. 1986.

WORTHAM, S. *Narratives in action: A strategy for research and analysis*. [S.l.]: Teachers College; Columbia University, 2001.